

MARCAS DISCURSIVO-SONORAS DA ANCESTRALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DE PODCASTS NARRATIVOS¹

DISCURSIVE-SOUND MARKS OF ANCESTRALITY: A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR THE STUDY OF NARRATIVE PODCASTS

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes ²

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor uma organização do dispositivo de Análise de Discurso Sonoro (ADS) para investigar marcas sonoras-discursivas da ancestralidade em podcasts narrativos. Para tanto metodologicamente adoto a Análise de Discurso Sonoro com uma abordagem qualitativa, em quatro episódios do podcast Calunguinha. Os resultados revelam o sopro do chá como um operador para análise das marcas discursivo-sonoras da ancestralidade.

Palavras-Chave: Análise de discurso sonoro. Ancestralidade. Raça.

Abstract: This article aims to propose an organisation of the Sound Discourse Analysis (SDA) device to investigate sound-discursive marks of ancestry in narrative podcasts. To this end, I adopt Sound Discourse Analysis with a qualitative approach in four episodes of the Calunguinha podcast. The results reveal the blowing of tea as an operator for analysing the discursive-sound marks of ancestry.

Keywords: Analysis of spoken discourse. Ancestry. Race.

1. Introdução

Ao acompanhar os debates contemporâneos no campo dos estudos radiofônicos, reconheço, segundo Debora Cristina Lopez e Luan Vaz Chagas (2022) que os objetos radiofônicos se complexificam devido a multidimensionalidade do fenômeno. Concordo com os autores, que o rádio contemporâneo é atravessado por sujeitos, agente humanos e não-humanos e contextos (culturais, sociais, econômicos e tecnológicos), sendo assim composto pelo som como guia, pela integração entre elementos sonoros e parassonoros, pela percepção contextual da diversidade e pelas tecnologias. Esse deslocamento, conforme

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos radiofônicos. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), Bolsista de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação III da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMIG). vitorlopes0022@gmail.com

apontam Debora Cristina Lopez, Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire (2024), carece de olhares plurais nos estudos radiofônicos.

Neste sentido, entendo, com base nas autoras e no autor, que a implementação de epistemologias plurais nos estudos radiofônicos contribuem para quebrar hierarquias históricas, permitindo compreender nuances e descobrir perspectivas ainda não consideradas no campo, além de reconhecer saberes diversos. Isso corrobora com o que Sônia Caldas Pessoa e Debora Cristina Lopez (2025) apontaram em relação às problemáticas sociais que atravessam o nosso tempo. Defendo, juntamente com as autoras, que as interfaces dos estudos radiofônicos incluem discussões acerca das metodologias, do gênero como chave teórico-metodológica, de acessibilidade e deficiências, de pluralidade epistemológica, de revisão do relato histórico, de perspectivas decoloniais e de raça e racialidade.

Nesse contexto, afirmo que nos estudos radiofônicos o som produzido por sujeitos e agentes constroem hierarquias de poder na produção do conhecimento e do saber, contribuindo para o tensionamento metodológico quando questões étnico-raciais atravessam o campo. No caso deste artigo, o meu foco recai sob os saberes tradicionais ancestrais. Assim, justifico o desenvolvimento desta pesquisa ao me sentir convocado por Alice de Oliveira Andrade (2025a; 2025b) a refletir sobre referenciais epistemológicos outros para preencher a lacuna urgente em enegrecer os estudos radiofônicos. Ao discutir os conceitos de aquilombamento, interseccionalidades, escrevivência, pensamento decolonial e teoria do ponto de vista, compreendo que a autora contribui para uma reorganização política e ética da escuta radiofônica³ a partir da proposição da noção de escuta decolonial⁴ (Andrade, 2025a; 2025b).

Assim, nesta pesquisa, traço como objetivo propor uma organização do dispositivo de Análise de Discurso Sonoro (ADS) para investigar marcas sonoras-discursivas da ancestralidade em *podcasts narrativos*. Para me guiar, busco responder a questão: “Como posso investigar marcas sonoras-discursivas da ancestralidade em *podcasts narrativos*?”. Metodologicamente, adoto a Análise de Discurso Sonoro (ADS) (LOPEZ e OLIVEIRA-LOPES, 2024; OLIVEIRA-LOPES, 2025a) em uma pesquisa com abordagem

³ Entendida por mim, com base na autora, como uma categoria técnica, relacionado ao design de som e à recepção e consumo de áudio.

⁴ Trata-se de uma prática ética, política e metodológica que além de captar sons reconhece vozes historicamente silenciadas. Um gesto de reparação, de acolhimento e de validação de formas de escutar no rádio e na pesquisa radiofônica (Andrade, 2025b).

qualitativa. De acordo com Debora Cristina Lopez e Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2024) e Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2025a), compreendo que o discurso sonoro não pode ser analisado com base apenas na transcrição dos elementos verbo-textuais, sendo necessário incluir na análise de objetos sonoros o “como” se diz nos movimentos acústicos.

Neste sentido, compreendo, ainda com base na autora e no autor, que a ADS se vincula à Análise de Discurso (AD) de Linha Francesa. De acordo com Eni Puccinelli Orlandi (2007), entendo que AD foca no funcionamento da linguagem em seu trabalho simbólico na constituição de sujeitos ideológicos e históricos, atravessados por uma teoria psicanalítica. Acrescento, segundo Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2006) que a Linha Francesa é uma escola de AD que garante que as investigações não sejam reduzidas apenas ao linguístico ou ao ideológico. Esclareço que a aplicação da ADS, segundo Debora Cristina Lopez e Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2024), permite analisar o funcionamento da formação sonora, composta pela linguagem e montagem⁵ radiofônica, corporeidade da voz e propriedades físicas do som, articulados a formações discursivas e ideológicas. Além disso, compreendo que a ADS como uma perspectiva teórico-metodológica considera o tensionamento dos sistemas de representações da prática profissional (gêneros discursivos, condições de produções e contrato de comunicação) com as condições de produção (práticas profissionais, os modos de fazer e o contexto discursivo).

A partir disso, a minha hipótese é de que quando os operadores voz-efeito sonoro (OLIVEIRA-LOPES, 2025a; 2025b) e tempo espiralar (MARTINS, 2021) são articulados no dispositivo da ADS é possível investigar marcas sonoras-discursivas de ancestralidade em produções sonoras negras ou originárias. Segundo Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2025a; 2025b), entendo o operador voz-efeito sonoro em *podcasts narrativos de ciência* se caracteriza pela voz, pelo efeito sonoro (acompanhados ou não de sons ambientais). Em seu funcionamento, nas formações sonoras pode sugerir sentidos de dúvida ou mistério, nas formações discursivas pode contrapor ideias contrárias, sugerindo desconfiança, e, por fim nas formações ideológicas pode definir conceitos científicos, apresentar exemplos e resultados de aplicações de conceitos teóricos e contextualizar historicamente os dados científicos.

Caracterizo, conforme Leda Maria Martins (2021), o tempo espiralar como um posicionamento de presença que constitui quem somos. Um processo de inscrição do tempo

⁵ Caracterizada como a sobreposição de música, som, filtro e efeito sonoro (KAPLÚN, 2017).

no corpo que vozeia, canta, dança e tamborila. Neste sentido, sustento que o tempo espiralar é composto por um acúmulo de passado, presente e futuro, sem se limitar a uma linearidade progressiva. Trato como uma temporalidade transiente, um tempo em que tudo vai e tudo volta em espirais, remetendo a uma instalação da sabedoria ancestral que se refaz e se acumula sem se paralisar.

Ainda com base na autora, compreendo que o tempo espiralar é um tempo de plenitude, resultante de um movimento cósmico, retrospectivo e prospectivo, incluindo: todos os fenômenos naturais e transcendentais, todos os seres e todas as coisas, tudo que existe nas suas mais variadas formas de existir e de ser, as relações familiares mais íntimas, as práticas e expressões sociais de comunidades amplas e diversas, as materialidades do agora e/ou do que ainda há de se revelar, além da emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam em movimentos, assegurando a sobrevivência íntegra e total de todos os seres do cosmos (MARTINS, 2021).

Proponho que a articulação dos operadores voz-efeito sonoro e tempo espiralar permita compreender a ancestralidade não somente como um tema, mas como parte constituinte do funcionamento discursivo-sonoro de produções negro-africanas e originárias. Enquanto o primeiro atua na materialidade do enunciado sonoro⁶, podendo produzir efeitos de presença, intimidade e transmissão do saber, o segundo organiza uma temporalidade não linear transiente, em que passado, presente e futuro vem e vão, coexistindo no som e na escuta. Juntos, esses operadores possibilitam investigar como a ancestralidade se inscreve no som, produzindo sentidos, constituindo sujeitos e modos de existência.

Para a aplicação do teste metodológico dessa proposta de dispositivo de análise utilizo como estudo de caso um *corpus* construído, por recorte exploratório, com quatro episódios do *podcast Calunguinha*. O *Calunguinha* é um *podcast narrativo* de ficção infantil original do *Spotify*, que conta histórias ancestrais negro-africanas para crianças negras e não-negras. Destaco que as histórias são compartilhadas de uma mãe ao seu filho na hora de dormir e são acompanhadas por um chá, sendo o sopro para esfriar-lo um marco da narrativa sonora. Esse destaque justifica a escolha do operador voz-efeito sonoro e o recorte da análise no efeito do “sopro do chá”. As histórias ancestrais em si só, justificam a escolha do operador de tempo

⁶ Movimentos acústicos que descrevem precisamente a cena sonora, preenchendo os espaços acústicos (ALVES, 2019).

espiralar. Considero importante dizer que a escuta para análise foi realizada diretamente pela reprodução dos episódios no *Spotify* com apoio de um fone de ouvido convencional.

Nas seções a seguir apresento, primeiramente, uma discussão teórica da noção de ancestralidade que guia a minha análise; na sequência descrevo o *podcast Calunguinha* e as características que atravessam a produção sonora; e, por fim, descrevo e discuto os resultados mostrando o funcionamento das marcas discursivo-sonoras da ancestralidade.

2. A busca por uma construção da nossa ancestralidade

Compreendo que quando falamos em ancestralidade, remetemos a uma construção sócio-histórica atravessada por regimes de sentido coloniais que marginalizam e mantêm na periferia os saberes dos povos originários, como os das pessoas indígenas, negras e pobres. Trato a ancestralidade, conforme Leda Maria Martins (2021), como parte estruturante da cosmopercepção negro-africana com elementos originais e genuínos, por exemplo concepções próprias de poder, universo e pessoa. Concordo com Wanessa da Silva Gomes (2024) que a revolta dos negros escravizados foi precursora na construção de comunidades em territórios brasileiros, geralmente, de difícil acesso e não povoados. Neste sentido, me ancorei nas comunidades que ficaram conhecidas como quilombos, que, para autora, é um espaço onde negros, indígenas e brancos pobres se organizam para lutar e resistir contra o sistema escravista, apresentando um modelo de democracia plurirracial.

O cenário sugere que nesse processo os povos viviam de acordo com a cultura africana, produzindo e plantando em suas próprias comunidades. Esclareço, ainda com base na autora (2024, p.22), que o termo quilombo com sua origem *bantu* significa “acampamento na floresta”. Esses acampamentos são formados por grupos étnicos-raciais que se autodefinem, com base em: relações territoriais, suas trajetórias históricas e na ancestralidade negra que se relaciona com a opressão histórica sofrida por esse povo (GOMES, 2024). Complemento, segundo Halda Simões Silva e Edvania Kehrle Bezerra (2024), que os integrantes dessas comunidades são reconhecidos como quilombolas e

Lutam pelo direito à terra, à saúde e à educação, pois esses direitos foram historicamente negados. Essas lutas ocorrem diante das consequências do passado de escravidão, o qual gerou a negação de direitos básicos para a população negra, incluindo seus saberes e modos de vida (SILVA e BEZERRA, 2024, p.60).

A negação aos direitos básicos dessa população promove o que entendo, com base em Wanessa da Silva Gomes e Jucelino Mendes Barbosa (2024), como uma busca pela organização da vida social em movimentos de lutas por direitos articulados também à preservação das suas culturas e tradições. Defendo, ainda segundo a autora e o autor (2024, p.70), que “os costumes dos quilombolas, bem como os de outros povos tradicionais, estão relacionados aos ciclos naturais e à forma como se relacionam com a natureza. A percepção da natureza e de sua realidade é baseada em crenças, símbolos, mitos e valores”. Como afirma Klébson Salgado Glória (2025), entendo que esses são valores sociais, religiosos, culturais e econômicos intrínsecos às diferentes sociedades e momentos históricos.

Exemplifico, com base em Ailton Krenak (2019), que em sua comunidade esses valores estão atrelados às formas como os povos originários possuem um respeito com a natureza, tratando a natureza, afetivamente, como parentes (como o caso do rio São Francisco) no território onde vivem. Esse movimento rompe com o tempo do antropoceno, que, ainda segundo o autor, caracterizo como a influência humana orientada pelo capitalismo, que perturba as temporalidades de maneira abrangente, desapropriando povos e suas histórias temporais, fortalecendo o extrativismo. Desse modo, essas comunidades são obrigadas a lutar pelo direito de ter direitos, se articulando com o que compreendo, segundo Leda Maria Martins (2021), como princípio filosófico da ancestralidade. Concebido como um princípio que atravessa as noções de condições éticas e estéticas do humano (por exemplo, o corpo individualizado, o corpo coletivo e o *corpus* cultural) e a produção de conhecimento.

Reitero, com base em Alex de Souza Maciel (2025), que é parte fundamental da ancestralidade a necessidade de compartilhar conhecimento e saberes tradicionais para disseminar a memória dos nossos antepassados para as presentes e futuras gerações. Entendo que esses processos são importantes para a vida em determinados territórios e devem perpetuar suas memórias a partir da visão de mundo do próprio povo. Para obter-se o reconhecimento, a valorização e o respeito aos saberes locais tradicionais ancestrais, ainda conforme o autor, é necessário observar as histórias contadas (e a contar) por nossos avós e pais, “passados pela oralidade, pelos costumes, pela cosmovisão, pensado pelos povos e para seus coletivos” (MACIEL, 2025, p.108).

Entendo que essa relação entre avós, pais e descendentes, de acordo com Leda Maria Martins (2021), se articula com os desdobramentos do conceito de família na contemporaneidade, operando “como uma forma de restituição e reconfiguração do princípio

da ancestralidade” (MARTINS, 2021, p.40, grifos do autor). Esse processo favorece a construção de vínculos afetivos e simbólicos, reunindo os povos “africano[s] e seus descendentes em comunidades de pertencimento e ajuda mútua, performada no âmbito das Casas, dos terreiros de Candomblé e nos festejos dos Reinados” (*Ibidem*), por exemplo. Destaco que a música representa um “elo entre os quilombolas, ao som de atabaques, banjos, pandeiros, triângulos e o cheque-cheques que cantam em harmonia a partir das diferentes vozes das pessoas que participavam dos atos de fé” (MACIEL, 2025, p.118). Acrescento também outros exemplos de marcas culturais da ancestralidade quilombola⁷ como o samba de coco e as histórias mal-assombradas (GOMES e BARBOSA, 2024).

Além disso, compreendo, segundo Leda Maria Martins (2021), que a ancestralidade pode ser vista como um canal da força vital. Concordo com a autora que essa força é caracterizada por uma energia que se alinham num encontro: os ancestrais, os seres sobrenaturais, o Ser supremo, o universo material (mulheres e homens vivos, os vegetais, os animais e os minerais) e a magia. Na concepção ancestral, o canal da força vital funciona “como um novelo”, incluindo no fenômeno as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelos de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e mudança. No seu âmbito tudo se estabelece em relações interdependentes e mutuamente constitutivas. Desse modo, a ancestralidade adere a um tempo curvo, recorrente, anelado (tempo espiralar) (Martins, 2021).

Com base no que foi discutido, trato a ancestralidade como uma construção sócio-histórica e filosófica que estrutura a cosmopercepção negro-africana, organizando o tempo e os regimes de transmissão de saberes intrínsecos as experiências de opressão vividas. A ancestralidade produz conhecimento com base em crenças, símbolos, mitos e valores (sociais, religiosos, culturais e econômicos), enunciadas em formas sensíveis (corpo, música, oralidade e ritmo). Esse conhecimento e saberes tradicionais são compartilhados para perpetuação da memória entre diferentes gerações, construindo vínculos afetivos e simbólicos que funcionam como um canal de força vital. Neste sentido, vejo o quilombo como um espaço físico (território) onde a ancestralidade se materializa. Um território de produção

⁷ Exemplos de atividades culturais do **quilombo** Castainho localizado no município de Garanhuns, em Pernambuco (GOMES e BARBOSA, 2024).

simbólica baseada numa cultura de subsistência e pela luta por direitos, alinhando as formas sensíveis e a memória.

3. “Conheça o *Calunguinha*, o Contador de Histórias”

Apresento o *podcast Calunguinha*, uma produção original do *Spotify*, realizado através do *Projeto Sound Up Brasil* e produzido em parceria com a *Todo Canto Produções Artísticas*. Esclareço, segundo os próprios sites das instituições mencionadas anteriormente, que o *Spotify* é uma empresa sueca, fundada por dois homens brancos empreendedores, Daniel Ek e Martin Lorentzon, que oferece serviços de *streaming* digital, dando acesso mundial a milhões de músicas (SPOTIFY.COM, n.d). Compreendo que o *Projeto Sound Up*, liderado por uma mulher, Natalie Tulloch, integra os serviços do *Spotify* com a intenção de ajudar criadores sub-representados a conquistarem visibilidade na *podosfera* (o que eles chamaram de “porta de entrada”). Entre os objetivos principais, notei a diversificação das vozes presentes no som digital e o oferecimento de oportunidades (educacionais, recursos e acesso a especialistas). Destaco que, atualmente, o projeto abrange 12 países, a saber: Japão, Itália, Estados Unidos, LatinX, Índia, México, Austrália, Suécia, Reino Unido, Alemanha, Argentina e Brasil (NEWSROOM.SPOTIFY.COM, 2022).

Considero que a *Todo Canto Produções Artísticas* é uma produtora independente composta por uma equipe de quatro profissionais negros, sendo eles dois homens: Lucas Moura (dramaturgo, roteirista, ator e *podcaster*) e Amon Medrado (produtor musical, *sound designer* e engenheiro de mixagem); e duas mulheres: Stela Nesrine (compositora, sonoplasta, produtora musical e educadora) e Marcelly Medrado (atriz e cantora)⁸. A produtora se autodenomina como “arquiteta de narrativas”, isso é um destaque no posicionamento da instituição, contribuindo para o seu foco no impacto sócio-cultural. Compreendo que a empresa é especialista em ciência, educação, jornalismo investigativo e representatividade negra, pensando nas construções artísticas sonoras e audiovisuais para além da técnica (eles chamaram de “forma afetiva”). Além do *podcast Calunguinha*, no catálogo da *Todo Canto*, identifiquei produções como: *Escute as Mais Velhas*, *Griô do Amanhã* e *O Jardim* (TODOCANTOPRODUTORA.COM.BR, n.d).

Entendo que o *Calunguinha*, o *Contador de Histórias* é um *podcast narrativo* de ficção infantil. Lembro, com base em Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2025a), que o *podcast*

⁸ Reforço que a identificação de raça e gênero das pessoas apresentadas nesta sessão foi realizada pelo pesquisador a partir de fotos disponíveis na *internet*.

narrativo não é apenas um formato, mas sim um gênero discursivo secundário que se apropria de múltiplos gêneros discursivos primários (entrevistas, comentários pessoais e relatos de experiências), apresentando complexidade composicional e institucionalização. Trato, ainda com base no autor, como práticas comunicativas sonoras situadas, que se materializam em enunciados sonoros. Nesse sentido, compreendo que para o autor o *podcast narrativo* como gênero discursivo se configura a partir da condução de uma história com base em um eixo central que se complementam com micronarrativas, um processo formado pela participação de diferentes sujeitos ou grupos de sujeitos, profissionais e instituições. Esclareço, também conforme o autor, que, neste artigo, o *podcast* é tratado como uma mídia sonora digital produzido a partir do *podcasting* como linguagem, sendo caracterizada como um resultado dos processos de radiomorfose da linguagem radiofônica para o contexto de rádio hipermidiático. Sustento que o *podcasting* como linguagem se configura a partir de elementos simbólicos sonoros, parassonoros e hipermidiáticos (OLIVEIRA-LOPES, 2025a). Reforço que, nesta pesquisa, me concentro nos elementos sonoros.

Interpreto que o Calunguinha é o personagem principal do *podcast narrativo*, caracterizado como um menininho pretinho e crespinho, assim como sua mãe e seu avô, respectivamente. Ele é uma criança que adora histórias e vive com sua mãe. Desse modo, toda noite antes de dormir, sua mãe prepara um chá e uma história sobre a experiência de uma pessoa negra importante que já viveu no Brasil. Quando a mãe dele sopra o chá para esfriar, Calunguinha “viaja” por Congo, Bahia, Palmares, Pernambuco junto com a fumaça, encontrando com as pessoas das histórias incríveis que ele escuta. Em outras palavras, sustento que o tema abordado no *podcast* são as histórias ancestrais. Nessa imersão, entendo que o menino aprende com as experiências narradas e quando retorna para a realidade compartilha tudo com sua mamãe. O *podcast Calunguinha* conta com duas temporadas lançadas nos anos de 2022 e 2023, apresentando 24 episódios ao total e dois episódios trailers para cada uma das temporadas. Os episódios foram lançados todas às sextas-feiras e cada um contou com um convidado ou uma convidada especial, como Lázaro Ramos, Solange Couto, Babu Santana e DG (Douglas Silva), para citar alguns exemplos. A primeira temporada contou com lançamentos entre maio e agosto de 2022, enquanto a segunda contou com lançamentos entre junho e setembro de 2023. Além disso, saliento que cada um dos 24 episódios contam com uma música original, ou seja, o *Calunguinha* possui 24 músicas originais.

Na Tabela 1, a seguir, descrevo os quatro episódios selecionados na construção do *corpus* como recorte exploratório a partir dos exemplos de pessoas convidadas citadas anteriormente. O recorte dos quatro episódios se justifica por se tratar da aplicação do teste da proposta metodológica que não tem como foco esgotar o assunto, mas sim mostrar caminhos possíveis para leitura dos objetos radiofônicos originários e/ou negros-africanos.

TABELA 1
Descrição dos quatro episódios do *podcast Calunguinha* selecionados

Título	Lançamento	Duração	Temporada	Resumo/descrição
Rei Malunguinho, o grande chaveiro	20/05/2022	23min.44s	T01.EP01	Entendo que neste episódio Calunguinha deseja que sua mãe passe o tempo brincando com ele. O menino começa a pensar formas de fazer isso acontecer e pergunta à sua mãe se é possível “trancar” pessoas com cadeado. Assim, ela começa a contar a história do Rei Malunguinho, o chaveiro que viveu no Quilombo do Catucá. Personagens: Calunguinha; Mãe do Calunguinha; Rei Malunguinho; Avô imaginário do Calunguinha; Capitão do Mato; Quati. Convidado: Lázaro Ramos.
A boneca dona Joventina	05/08/2022	29min.56s	T01.EP12	Neste episódio, entendo que Calunguinha se encontra imerso em um jogo de videogame. Além disso, ele finge que é um gamer que grava material audiovisual de suas partidas. Na conversa com o avô imaginário, eles mencionam a boneca Joventina que pertencia a avô de Calunguinha. A falta de luz faz com que Calunguinha e a Mãe vão brincar. Isso faz o gancho para a história que será contada. Personagens: Calunguinha; Mãe do Calunguinha; Dona Joventina; Avô imaginário do Calunguinha; Capitão do Mato; Bicho preguiça. Convidada: Solange Couto.
Manoel Congo, o estrategista	07/07/2023	31min.23s	T02.EP01	No episódio, Calunguinha fica revoltado por ter ido ao aniversário de seu melhor amigo, que foi empurrado por um outro colega. Ele conta para o avô e para sua mãe, após ela perceber que algo não estava bem. Essa situação puxa naturalmente a história do Manoel Congo. Personagens: Calunguinha; Mãe do Calunguinha; Manoel Congo; Avô imaginário do Calunguinha; Capitão do Mato; Preto convencido por Manoel Congo a participar da revolta; Jacutinga. Convidado: Babu Santana.
Zumbi e Dandara, liderança palmarina	08/09/2023	33min.44s	T02.EP10	Entendo que, neste episódio, Calunguinha começa a questionar a relação do seu pai e sua mãe, que vivem separados. Essa situação conduz a narrativa para a história romântica do apaixonamento de Dandara e Zumbi, lideranças do Quilombo dos Palmares. Esclareço que no episódio Calunguinha viaja para o esconderijo dos palmarinos. Na experiência, Dandara e Zumbi estão sendo procurados pelo Capitão do Mato. Personagens: Calunguinha; Mãe do Calunguinha; Avô do

				Calunguinha; Pai do Calunguinha; Zumbi; Dandara; Capitão do Mato; Lacaio; Cobra d'água. Convidado e convidada: DG e Vaneza Francisca.
--	--	--	--	--

FONTE - Adaptado pelo autor do *Spotify* (2026).

Observo, na Tabela 1 acima, o cuidado da equipe de produção sonora em manter a representação das pessoas narradas por artistas negros, dando visibilidade e reconhecimento para eles que nem sempre encontram na grande mídia, bem como o cuidado em apresentar experiências femininas e masculinas para os seu público-alvo (crianças negras e não-negras). Além do som descrito anteriormente, o *podcast Calunguinha* apresenta também um site⁹ e perfis em redes sociais, como: *X*, *Instagram* e *TikTok*. No site, observei que tem uma foto de fundo da equipe envolvida com baixa transparência, o título do *podcast* na parte superior, abaixo uma breve descrição do *podcast Calunguinha*, os *links* para os perfis nas redes sociais, *link* com recomendação de outros *podcasts*, *link* para a escuta do *Calunguinha* no *Spotify*, *link* de notícias sobre o *podcast*, espaço para “fale conosco” e dois reprodutores de episódios diretamente do *Spotify*. Mapeei que esses reprodutores são dedicados ao trailer do *Calunguinha* e o outro ao trailer do *podcast Planetário*, programa recomendado no site.

No seu perfil no *X* o *podcast* possui 1.243 seguidores e nenhuma postagem, na bio do perfil encontrei: “Um podcast de cantação de histórias para crianças negras. Histórias para ninar crianças pretas, memórias para acordar pessoas brancas” (@CALUNGUINHACAST, n.d.). No perfil do *Instagram* possuem 7.138 seguidores e 230 posts, que abrangem: bastidores de gravação, eventos, premiações (como o Prêmio Diversidade no Festival comKids 2024) entre outros. Na bio, observei: “🏆 Sound Up Brasil Spotify 2020”, “🏆 Festival comKids 2024” e “Irmão do @planetariopodcast 🌌” (@CALUNGUINHAPODCAST, n.d.), juntamente com os *links* para o perfil no *threads*, para o canal de conversas, para o site e para a campanha de levantamento de recursos financeiro coletivo para produção da terceira temporada.

No *threads* o *Calunguinha* conta com 1.538 seguidores e quatro postagens de divulgação do *podcast*, na bio há menções ao *Spotify*, *link* para acesso ao *podcast* e ao *Sound Up*. Por fim, no *TikTok*, observei que o *Calunguinha* conta com 70 seguidores e 488 curtidas. A bio diz: “*Calunguinha Podcast* é um *Spotify* original ganhador do projeto *Sound*

⁹ Disponível em: <https://calunguinha.com.br/>

Up Brasil”. Além disso, encontrei 19 vídeos dos bastidores da gravação dos episódios no estúdio com as(os) artistas negras(os) convidados. Situo, brevemente, antes da análise, que os anos de 2022 e 2023 foram marcados pelo período de transição entre governos de direita (Jair Messias Bolsonaro) e de esquerda (Luiz Inácio Lula da Silva). Bem como foram influenciados pelos resíduos da pandemia de *Covid-19*, adversidade que acometeu o mundo em 2020. Além dos registros de casos de racismo, conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que dispararam no ano de 2022 (BOCCHINI, 2023).

4. O sopro do chá como guia das marcas discursivo-sonoras da ancestralidade

Caracterizo o sopro do chá como materialidade no enunciado sonoro composto por elementos sonoros, a saber: sons da natureza, sons domésticos, sons corporais, músicas e instrumentos musicais. Entendo que os sons da natureza se configuram por som de pássaros, sons da floresta, sons de água pingando, som de grilos e sons de cachoeira. Os sons domésticos remetem ao som de líquido escorrendo e ao som de xícara batendo no pires. Enquanto os sons corporais estão relacionados às vozes (voz do Calunguinha, voz da mãe do Calunguinha, voz do Rei Malunguinho, voz da boneca dona Joventina, voz do Manoel Congo e vozes sem identificação falando ao fundo intercalados), sons do sopro e som de assobios. Por fim, as músicas e instrumentos musicais são o som de harpa, o som de instrumentos musicais de percussão (bumbo, batuques etc), a música original cantarolada sem instrumentos musicais e a música instrumental de violão ao fundo que entra antes do sopro e permanece durante e após. Observo que o sopro do chá aparece em todos os episódios antes dos dez minutos iniciais e por volta dos sete minutos finais do *podcast*, com duração aproximada que varia entre sete e 35 segundos.

Neste contexto, compreendo que a formação sonora revela que os sons da natureza caracterizam o território do Quilombo ou onde os quilombolas estão escondidos, como no caso dos episódios T01.EP12-A boneca dona Joventina¹⁰ (2022) e T01.EP10-Zumbi e Dandara, liderança palmarina¹¹ (2023), onde a dona Joventina está presa em um museu e Zumbi e Dandara se encontram nos esconderijos dos palmarinos. Com base em Mario Kaplún (2017), interpreto que os sons da natureza tem como função na montagem radiofônica descrever os espaços físicos da cena sonora. Ao reconhecer a relação desses sons com os

¹⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6qkwtdMa8JwOpNIMSd9g8q>

¹¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6AjzSBtKs1jvs6NHEE0tII>

territórios onde a história acontece, como o Quilombo Catucá, ou mesmo o esconderijo dos palmarinos, esses ambientes materializam a ancestralidade no *podcast*. Desse mesmo modo, os sons domésticos caracterizam os personagens ao demarcar o gosto pessoal e o *hobby* de tomar chá antes de dormir. Os sons corporais demarcam a corporeidade da voz (SPRITZER, 2005), por meio do timbre observo o gênero e a idade dos personagens e seus movimentos na cena sonora. Por sua vez, os sons conhecidos demarcam a corporeidade da escuta (SPRITZER, 2005), onde os ouvintes identificam no próprio corpo a partir da sua subjetividade os sons presentes no *podcast*. As músicas e os instrumentos musicais reforçam a transição entre as cenas sonoras (KAPLÚN, 2017) dando ritmo e movimento para o texto sonoro (BALSEBRE, [1994]; 2005).

Ao articular a formação sonora com as formas sensíveis, no episódio T01.EP01-Rei Malunguinho, o grande chaveiro, identifico que o corpo individual emerge das vozes dos personagens: Mãe, Calunguinha e Rei Malunguinho, quando articulados a corporeidade da voz, caracterizando a ação sonora que preenche o vácuo delimitado por movimentos acústicos da presença sonora através do timbre, da entonação e do ritmo. Isso mostra a presença do corpo individualizado que experiencia, sugerindo ainda a movimentação dos próprios personagens na cena sonora que caminham pela floresta em busca das chaves para liberar os amigos presos do Rei Malunguinho. Enquanto o corpo coletivo é acionado na corporeidade da escuta, uma vez que os ouvintes são quem interpretam a realidade sonora em determinada ação sonora. O que sugere aos ouvintes sentidos compartilhados em um determinado imaginário comum dos sons já conhecidos. Percebo que a noção de presença é sugerida pelos sons da floresta somados à curiosidade do Calunguinha como um estado de atenção para viver a experiência, acionando ainda o corpo coletivo que acompanha a aventura pelo menino. Compreendo que a noção de intimidade emerge dos sons da água pingando, da floresta, dos assobios e dos pássaros ao naturalizar a experiência. Isso mobiliza a noção de que todos os seres coexistem em harmonia, sem estranheza. A concepção de magia aparece no som da harpa que sinaliza o movimento de “teleporte”, reforçando a sensação de deslocamento territorial do quarto para o Quilombo, onde se materializa a ancestralidade. Por fim, identifiquei a noção de transmissão do saber ancestral no som do sopro (vento) que reforça a noção de viagem, de deslocamento e de transição.

Identifico nos quatro episódios que há uma segmentação da narrativa sonora em três atos. Neste sentido, entendo que o sopro do chá marca a transição entre os atos, no primeiro

ato há a apresentação de uma situação na qual o Calunguinha está passando, e se relaciona com algum saber ancestral. Dessa forma, quando o sopro do chá aparece na narrativa sonora ele sugere a transição entre realidades, a realidade do tempo presente, experienciada por Calunguinha, por exemplo, no desejo de ficar brincando com a mãe ao ponto de trancar as portas da casa, impedindo que ela saia de casa para trabalhar (T01.EP01-Rei Malunguinho, o grande chaveiro¹², 2022). Além de marcar a transição de retorno do tempo ancestral, como acontece no T01.EP01-Manoel Congo, o estrategista¹³ (2023), onde Calunguinha retorna para o encontro da mãe, celebrando o momento de retorno para o tempo presente e antecipando a história do Manoel Congo que sua mãe lhe contaria. Dessa forma observei que o sopro do chá aparece na transição do primeiro ato para o segundo e do segundo para o terceiro, sucessivamente. Isso reforça o encontro entre o passado, o presente e o futuro em diferentes atos bem como a coexistência entre essas temporalidades em todos os atos. Entendo que o chá marca, dessa forma, um tempo transiente que vai e volta, conforme explicou Leda Maria Martins (2021).

Nas formações discursivas, interpreto que as representações das práticas profissionais sugerem com base no gênero discursivo *podcast narrativo* que a história se constrói a partir do *Calunguinha* como eixo central, que se sente instigado por uma dúvida que surge de forma natural em sua vivência no tempo presente. Como no caso do episódio T02.EP10-Zumbi e Dandara, lideranças palmarinas, em que ele se sente incomodado por reconhecer casais apaixonados e não entender porque na sua casa com a mãe e o pai, não acontece o mesmo. Desse modo, ele os questiona mobilizando as micronarrativas que aparecem de forma secundária com base na relação entre os pais e na relação entre Zumbi e Dandara. Enquanto o gênero discursivo sugere as formas composicionais da narrativa sonora com centralidade no personagem Calunguinha, o contrato de comunicação é firmado no início de cada episódio onde a voz do Calunguinha acompanhada por uma música instrumental de fundo, verbalizam a frase “Calunguinha, o contador de histórias. Histórias para ninar crianças pretas, memórias para acordar pessoas brancas”. Destaco que essa frase está também na biografia do perfil do *podcast* no X. Assim, compreendo que o contrato de comunicação pode ser firmado antes mesmo da escuta do *podcast*, sugerindo um despertar do interesse de escuta tanto das famílias negras que encontram espaço de reafirmação de sua própria ancestralidade para si e seus

¹² Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/64tyv3xiQs1s1wMVORo05n>

¹³ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1oBrS31vGnTFkQ0cIfmk5O>

filhos, como por pessoas brancas que são desconstruídas e apresentam posicionamento antirracista.

Sugiro que as representações das práticas profissionais tem como função centralizar o posicionamento racial do *podcast Calunguinha*, a partir do personagem principal se estendendo para as narrativas secundárias (relatos pessoais e comentários pessoais dos ancestrais e de seus pais). Ao tensionar isso com as condições de produção do discurso sonoro do *podcast*, observo que embora a produção seja realizada por uma produtora independente com uma equipe majoritariamente negra e com esse posicionamento declarado, corroborando para a representatividade negra e o impacto social para essa população. O discurso sonoro do *podcast narrativo* de ficção infantil existe através de um projeto de visibilização de pessoas sub-representadas desenvolvido por uma empresa majoritariamente branca masculina e do Norte-Global, esse processo tensiona o posicionamento do próprio *podcast*. Em contrapartida, as estratégias sonoras em desenho de som, sonoplastia e roteiro acionadas pela equipe de produção reforçam o seu posicionamento e apontam para a cosmopercepção do povo negro-africano e sua relação com a natureza, como discutido na sessão de ancestralidade.

Compreendo que no episódio T01.EP01-Rei Malunguinho, o grande chaveiro após o primeiro ato do *podcast*, o Calunguinha é deslocado do tempo do seu quarto em sua casa com a mãe para o tempo do Quilombo do Catucá e da experiência vivida pelo Rei Malunguinho. Esses são tempos outros, diferentes do tempo imposto pelo capitalismo, como a hora de dormir, de trabalhar etc. Além do tempo de escutar a história de sua mãe, do tempo de brincar e fazer suas travessuras. Interpreto que o som do líquido remete ao movimento, como lembra Ailton Krenak (2019) o rio que transcorre em um fluxo contínuo, relacionando, conforme Leda Maria Martins (2021), a um tempo em movimento que não paralisa. Sugiro que, nesse processo, não haja cobrança ou pressão para que as coisas sejam resolvidas em um fluxo de tempo que se mantenha em movimento.

Observo, assim, que na formação ideológica, ao articular formações sonoras e formas sensíveis com formações discursivas, O som produzido por um *sound designer* e uma sonoplasta negro e negra a voz de atrizes e atores negras e negros, os sons da natureza e da floresta constroem um ambiente de produção do saber a partir da experiência do próprio Calunguinha. Esse processo promove hierarquias de poder sonoro e ancestrais com base no etarismo, uma vez que o Calunguinha aprende com os mais velhos: a mãe, o Rei

Malunguinho, a dona Joentina, o Manoel Congo, o Zumbi, a Dandara e o pai. Entendo que esses personagens maduros são a autoridade máxima da experiência negro-africana narrada. Além disso, concentra todo o conhecimento de uma experiência racializada na história de pessoas negro-africanas, deslocando o foco de pessoas, personagens e profissionais brancos.

5. Considerações finais

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a minha hipótese foi de que quando os operadores voz-efeito sonoro e tempo espiralar são articulados no dispositivo de Análise de Discurso Sonoro é possível investigar marcas discursivo-sonoras da ancestralidade em produções sonoras negras e originárias. Sustento que as produções sonoras produzem hierarquias de poder e proponho a ancestralidade como constituinte do funcionamento discursivo-sonoro. Entendo a ancestralidade como estrutura da experiência negro-africana materializada nos Quilombos. Faço um recorte no sopro do chá, destaque do *podcast* Calunguinha. Do movimento analítico o sopro do chá emerge como um operador das marcas discursivo-sonoras da ancestralidade caracterizado como marcador de transição temporal, operador de transmissão do saber, disparador da experiência ancestral e guia da escuta. Reforço que o meu foco não foi esgotar o debate mas mostrar caminhos possíveis. Como continuidade da pesquisa sugiro que essa discussão seja aprofundada em um tensionamento com o conceito de linguagem radiofônica.

Referências

- ALVES, João Vitor De Almeida Brito. Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: um estudo de “Caso Evandro”. (Dissertação de Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021. 100 f.
- ANDRADE, Alice Oliveira de. POR UM RÁDIO QUE ROMPA SILÊNCIOS E SILENCIAMENTOS: referenciais epistemológicos de raça e gênero para pensar o jornalismo sonoro. In.: 34º Encontro Anual da Compós, v.34, 2025a.
- ANDRADE, Alice Oliveira de. Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 08-36, jan./abr. 2025b.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. Tradução resumida do livro El language radiofónico. Madri: Editora Cátedra, 1994. In.: MEDITSCH, Eduardo (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. 368p. ISBN 85-7474-269-4.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. Companhia das letras, 2022.
- BERGER, Peter L.; ZIJDERVELD, Anton C. Em favor da dúvida: como ter convicções sem ser um fanático. Tradutora Cristina Yamagami. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

- CAMILLO, José Carlos. Autoconsciência vs. autoconhecimento em Kant: Interpretações e evidências empíricas. *Intuitio*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e43691, 2022. DOI: 10.15448/1983-4012.2022.1.43691. Disponível em: <https://puhrs.emnuvens.com.br/intuitio/article/view/43691>. Acesso em: 18 set. 2025.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo – Feusp, São Paulo, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- DEUS, Valesca Silva de. A presença de mulheres negras em podcasts brasileiros. – 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2024. 222 f.
- GONZATTI, Christian; KOLINSKI MACHADO, Felipe Vieiro. Um Milkshake Chamado Wanda: O podcast e a discussão de gênero no jornalismo de cultura pop. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p.160-181, jan./abr. 2020.
- GUERRA, Vânia Maria Lescano. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. In.: *Anais do Sciencult*, v.1, n.1, 2010.
- JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* In.: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, 2021.
- KAPLÚN, Mario. Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção. Mario Kaplún. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.
- LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. In.: KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido*. - 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2024.
- LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luan José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. *Esferas*, n. 23, p. I-XIII, 2022.
- LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaina . Análise de referências com apoio em software: uma proposta metodológica para a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: Maria Cristina Gobbi; Osvaldo J. de Moraes; Denis Renó. (Org.). *Reflexões e práticas acadêmicas na Comunicação Latino-Americana*. 1ed. Aveiro: Ría Editorial, 2024, v. 1, p. 255-281.
- LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi .; ROZA, Sabrina; DA SILVA, Ariane Stefanie . Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. *Encuentros Latinoamericanos (segunda época)*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. DOI: 10.59999/el.v9i1.2633. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- MEDEIROS, Rafael. O rádio e a cidade patrimônio [manuscrito]: experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes ouro-pretanos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mariana, MG, 2019. 276f.: il.: color; graf; tabs; mapas.
- MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. In.: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores

- em Jornalismo. Goiânia. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: SBPjor, 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7º Edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PEREIRA, Roberto Horácio de Sá Pereira. *Consciência e Autoconsciência em Kant*. Revista Índice, vol. 02, n. 02, 2010/ 2 ISSN 2175-6244
- PRATA, Nair, AVELAR, Kamila, & MARTINS, Henrique Cordeiro. Podcast: a research trajectory and emerging themes: Podcast: trajetória de pesquisa e temas emergentes. *Comunicação Pública*, 16(31), 2021. <https://doi.org/10.34629/cpublica.67>
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. Companhia das letras, 2019.
- SALGADO, Tiago Barcelos Pereira; MATTOS, Maria Ângela. Índícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003). *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, São Paulo, v. 45, e2022103, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022103pt>
- SARAIWA, Luiz Alex Silva; PESSOA, Sônia Caldas; e MANTOVANI, Camila Maciel Campolina. (orgs.). *Metodologias vulneráveis*. Cachoeirinha: Fi, 2023.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. *Curso de linguística geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. - 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. 160f.
- SPRITZER, Mirna. *O corpo tornando voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2005. 191f.
- LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luan José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. *Esferas*, n. 23, p. I-XIII, 2022.